

Como Reativar o Comando e Controle da Força Aérea para Parcerias no Século XXI

TENENTE-GENERAL PHILIP BREEDLOVE, USAF
MAJOR BRIAN TYLER, USAF



JÁ ESTÁ NA HORA de reativar o comando e controle (C2) das operações aéreas como parte da força conjunta no complexo ambiente de segurança atual. No início deste ano, o estado-maior conjunto lançou a versão mais recente da publicação [*Joint Publication – JP 3-30, Command and Control for Joint Air Operations*].¹ Como toda doutrina, a publicação JP 3-30 coloca um ponto final na antiga e, ao mesmo tempo, marca o início da nova. O produto denota a conclusão de um processo conjunto, onde soldados, marinheiros, aviadores e fuzileiros navais sintetizaram a experiência com o C2

aeroespacial, a fim de fornecer opções autênticas ao estado-maior e futuros comandantes da força conjunta. A publicação sistematiza vários conceitos importantes, tais como a organização entre os comandantes do componente aéreo da força conjunta (JFACC) no teatro e subteatro, o papel dos elementos de coordenação do componente aéreo, considerações de C2 para aeronaves pilotadas remotamente e a possibilidade de designar responsabilidades de JFACCs à autoridade coordenadora referente ao espaço.

No entanto, a publicação JP 3-30 também indica o início de sua revisão. A transforma-

ção na era da informática exige aperfeiçoamento contínuo e a Força Aérea dinâmica tenta reter a tecnologia ciberaeroespacial de ponta. Assim, já que a versão atual da *JP 3-30* denota como as forças conjuntas comandam e controlam as operações aéreas atuais, convocamos os militares da Força Aérea a reiniciar o debate acerca da melhor forma de comandar e controlar as forças ciberaeroespaciais para o combate conjunto futuro.

Esse debate inclui dois requisitos globais – confiança da força conjunta e flexibilidade operacional. Com relação à primeira, a relação entre os comandantes é muitas vezes mais importante do que a relação dentro do comando. Existem vários exemplos de trabalho em equipe bem sucedido: o General Robert E. Lee e o General Thomas Jonathan “Stonewall” Jackson; o General Omar Bradley e o Brigadeiro-do-Ar Elwood “Pete” Quesada; o General Norman Schwarzkopf e o Tenente-General Charles “Chuck” Horner; o General Tommy Franks e o Tenente-General T. Michael “Buzz” Moseley, entre outros. As relações pessoais, a interação frequente e a adversidade compartilhada dessas grandes duplas (e respectivas equipes) forjaram a confiança e o respeito mútuos. No entanto, ao organizarmos os futuros componentes aéreos e C2 devemos, deliberadamente, aumentar tanto quanto possível o contato entre os comandantes e planejadores *conjuntos* para fomentar a confiança *conjunta* necessária, a fim de atingir os princípios eternos de unidade de comando e de esforço (*conjuntos*). Após a lesão fatal de Stonewall Jackson na Batalha de Chancellorsville em 1863, na qual havia perdido seu braço esquerdo [falecendo logo após, devido a complicações com pneumonia], o General Lee lamentou o fato de que [Stonewall havia perdido seu braço esquerdo e ele perdera seu braço direito [referindo-se ao fato de que Stonewall Jackson era o seu *braço direito*]. Os militares da Força Aérea alcançam o sucesso quando atingem esse mesmo patamar de relevância com os parceiros conjuntos.

Quanto à flexibilidade operacional, os futuros componentes aéreos devem aproveitar a velocidade, alcance e flexibilidade ciberaeroespacial, de maneira ágil e confiável para

fazer face à ampla gama de obstáculos de segurança. Ao publicar a *Quadrennial Defense Review* de 2010, o Secretário de Defesa Robert Gates disse que “os Estados Unidos necessitam de amplo portfólio de capacidade militar com máxima versatilidade para um espectro de conflitos o mais vasto possível.”²

Ao presumir que os recursos são finitos, nosso dever é manter a flexibilidade. Sua necessidade indispensável acarreta uma série de inferências à estrutura e apresentação da força, capacidade, missões e processos. Em relação ao C2, os *JFACC*, os centros de operações aéreas conjuntas e todo o sistema de teatro ar-superfície devem ser capazes de realizar operações, de grandes contingências à insurreições e assistência humanitária. Esse requisito exige proficiência em planejamento centralizado (ataque estratégico) e descentralizado (contrainsurgência) e demanda eficaz em relações de apoio geral e direto. Os parceiros conjuntos e de coalizão reconhecem que não existe abordagem do tipo “tamanho único” e que os *JFACC* devem ser maleáveis o suficiente para comandar e controlar o poder ciberaeroespacial, quando necessário.

Além disso, a flexibilidade operacional torna-se ainda mais vital quando o exército norteamericano passa às equipes de combate de brigadas modulares, utilizando meios anteriormente controlados pelas divisões. O controle do espaço aéreo e a defesa aérea de área – já bastante complexos – tornam-se ainda mais complicados com a descentralização de fogo indireto, defesa aérea, inteligência, vigilância e reconhecimento. No entanto, quando a necessidade de reação e de garantia de meios sobrepuja as vantagens de massa e de eficiência, os *JFACC* devem adaptar-se ou tornam-se irrelevantes.

Finalmente, a dissertação referente ao C2 futuro deve também considerar a inevitável evolução ciberespacial. Em maio de 2010, o senado confirmou a nomeação do General Keith Alexander como líder do Comando Cibernético dos EUA (*USCYBERCOM*). A Força Aérea tomou passos importantes para apoiar o empreendimento ciberespacial do Departamento de Defesa, incluindo a criação da 24ª Força Aérea como o componente da Força

para o *USCYBERCOM*. À medida que solucionamos o *C2* de recursos cibernéticos, a confiança das forças conjuntas e a flexibilidade operacional continuam a ser pertinentes. O *C2* centralizado para a capacidade cibernética tem sentido em muitas circunstâncias. Por outro lado, também vislumbramos momentos em que a sincronicidade e a capacidade de reação de determinados efeitos cibernéticos dentro de uma área de operação conjunta são tão cruciais à campanha que são essenciais à redução de autoridades específicas. Assim como os *JFACC* podem assumir a responsabilidade de coordenação espacial, também devem possuir a capacidade de oferecer aos comandantes da força conjunta a habilidade de assumir responsabilidade pela coordenação ciberespacial. A ponte entre a 14ª Força Aérea e a comunidade espacial, oferecida pelos comandantes das forças numeradas da *USAF*, di-

retores das forças espaciais e pelo contingente de profissionais dedicados ao espaço residentes nos centros de operações aeroespaciais, oferece grande benefício à Força Conjunta. Poderia semelhante ponte vincular os comandantes conjuntos à capacidade cibernética relevante?

A *JP 3-30* é enorme progresso no processo de amadurecimento do *JFACC* e do *C2*. Mas já está na hora de mais uma conversa salutar e introspectiva sobre o futuro do *C2* para a capacidade ciberaeroespacial. □

Notas

1. Joint Publication 3-30, *Command and Control for Joint Air Operations*, 12 January 2010, http://www.dtic.mil/doctrine/new_pubs/jp3_30.pdf.

2. Secretário de Defesa Robert M. Gates, “Defense Budget / QDR Announcement” (palestra, Arlington, VA, 1 de fevereiro de 2010), <http://www.defense.gov/speeches/speech.aspx?speechid=1416> (acessado em 18 de junho de 2010).



Tenente General Philip Breedlove, USAF recebeu o *BSCCE* [Bacharelado em Ciências, Engenharia Civil] do *Georgia Institute of Technology*, o Mestrado em Ciências da *Arizona State University*, Mestrado em Ciências da *National War College*. É o chefe adjunto do estado-maior encarregado de operações, planos e requisitos, para o Quartel-General da Força Aérea dos Estados Unidos em Washington D.C. Responde ao chefe do estado-maior da aeronáutica no que concerne a formulação de diretrizes que apoiam a guerra irregular aeroespacial, contra-proliferação, segurança do território nacional, clima e operações cibernéticas. Ao exercer suas funções, determina os requisitos, capacidade e treinamento operacionais necessários para apoiar os objetivos de segurança nacional e a estratégia militar. Antes de assumir o posto atual, serviu de comandante da Terceira Força Aérea, Base Aérea Ramstein, Alemanha. Um piloto comandante com 3.500 horas de voo, especialmente em *F-16*, voou missões de combate durante a Operação *Joint Forge / Joint Guardian*.



Major Brian Tyler, USAF graduado da Academia da Força Aérea (*USAFE*) recebeu o Mestrado em Diretrizes Públicas da Maryland. É aluno da Escola de Estudos Espaciais Avançados (*School of Advanced Air and Space Studies – SAASS*), Air University, Base Aérea Maxwell, Alabama. Antes de frequentar a *SAASS* foi estagiário da Força Aérea / Diretrizes Estratégicas junto à Diretoria de Operações, Planos e Requisitos, Quartel-General da Força Aérea dos Estados Unidos em Washington D.C. Anteriormente, levou a cabo o planejamento de dados operacionais e operações ciberespaciais na Europa, África e Afeganistão. Também liderou a coleta de *ISR*, exploração e disseminação de operações para inúmeras missões de *U-2* e *RQ-1* na península da Coreia e Iraque. Foi comandante de destacamento para o 67º Grupo de Guerra de Rede, diretor adjunto de inteligência para o componente aéreo de uma das operações especiais conjuntas combinadas e gerente de coleta para a Força Aérea Conjunta no Sudoeste da Ásia.